

TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL

RENDEIRAS DO NORDESTE

NA vasta extensão territorial do Brasil, a região Nordeste não é, em rigor, uma unidade físico-geográfica interposta entre a Amazônia e o Brasil de leste, comportando variedades regionais que traçam, ou traduzam o complexo das condições climato-botânicas. É uma região geográfica complexa, dentro da qual se destacam paisagens culturais diversas.

A partir do mar, tanto de leste para oeste, como de norte para o sul, as atividades econômicas diferem, no Nordeste. Os "gêneros de vida" apresentam, gradativamente, características novas; os "horizontes de trabalho" se acomodam, passo a passo, ao ciclo das sécas que implantaram, no interior, o seu reinado. As diferentes correntes de povoamento que se verificaram no Nordeste seguiam, por seu turno, orientações diferentes, contribuindo destarte para diversificar, ainda mais, as áreas culturais que encerra.

Por tudo isso, é o Nordeste um verdadeiro mostruário de paisagens, de quadros, de cenas, de atividades, de costumes típicos regionais: desde o complexo paisagístico da praia, com os seus mangues, areias e roqueiras, com seus pescadores e jangadeiros, suas salinas e salineiros, até o mosaico da atividade econômica interior, embutido, de diversas peças e produtos da carnaúbeira, a traduzir, em certos pontos, uma forma de civilização em torno de uma palmeira; um suceder de "feiras" e de "cercados", de "açudes" e de "coivaras", de "usinas" e de "banguês". É em meio a tudo isso — como diria VIDAL DE LA BLACHE — a manutenção, pela transmissão hereditária, de processos e invenções, que passaram a constituir, lá, qualquer coisa de metódico, assegurando a existência humana mediante a aplicação daqueles processos e invenções, num meio ingrato em que o homem atua realizando, cada vez mais, o seu papel de legítimo agente geográfico.

É o que sucede, entre nós, por exemplo, com as famosas rendadeiras do Nordeste. No principal centro de atividade industrial complementar, ou seja Aracati, no Ceará, mantêm as rendadeiras, técnica ancestral adquirida, por via portuguesa, provavelmente das antigas mestras e discípulas da região do Puy e seus arredores, autêntico foco na arte da fabricação de rendas, conhecido na França, desde o século XV.

A circunstância de se localizar, de preferência, a pequena indústria complementar das rendas no nordeste, nas localidades banhadas pelo mar, nas que não são muito distantes da costa, e, também, nos arredores das grandes cidades do litoral, circunstância que influiu, sem dúvida alguma, para formar a conhecida denominação rendas do mar ou da praia, com que se procura ocultar a expressão rendas de melhor qualidade artística, parece constituir — além de outros — razoável argumento em favor do prof. ARAÚJO VIANA, que fez provir das localidades marítimas portuguesas, pelo menos, algumas das rendas do Brasil.

Em Portugal, efetivamente, Peniche, Setubal, Viana, Vila do Conde, etc. foram lugares onde se tornou notória a fabricação de rendas; localidades onde as mulheres da classe matutina entregavam-se, como inúmeras das nossas, à delicada indústria rendeira. O fato, ainda, de ser o tipo geral de rendas em Portugal, um tanto semelhante, ou mesmo semelhante ao das de Puy, segundo opina a escritora portuguesa MARIA RIBEIRO ARTUR, citada por VIANA, corrobora favoravelmente a opinião do antigo professor das Belas Artes. Em Peniche a indústria adquiriu muita importância. Não a limitavam ao fabrico de simples tiras. Todos os objetos a que fôsse possível tendam, o faziam; o mesmo se dá — escreve ARAÚJO VIANA — em nosos Estados do norte do Brasil.

O fabrico das rendas é uma indústria regional no Brasil e inteiramente realizada por mulheres. A velha indústria caseira parece estar em declínio, permanecendo, porém, extraordinariamente dispersa pelo interior. De um modo geral, nas grandes famílias cearenses, a certas horas do dia, com efeito, e na sala de frente, enquanto os maridos estão ocupados em outros misteres, ou já não existem, todas as mulheres de casa entregam-se ao serviço das rendas, realizando uma ocupação honesta e inteligente. Como salientou GEORGE CAVALCANTE, há em tal ocupação "um não sei quê de austero, de docemente familiar, que nobilita os pobres lares, onde a virtude se exulta no trabalho e a pobreza é recebida com um comovente espírito de ordem e resignação".

Quer no litoral como no sertão, na sala de frente, ou no terreiro — principalmente quando vai terminando o dia e o crepúsculo lentamente se aproxima — a cena se reveste de uma certa melancolia para a qual concorre o hábito das cantigas e modinhas dolentes, soluçadas a meia voz.

Indústria genuinamente popular e de iniciativa popular, fielmente conserva a tradição ancestral, sem a influência modificadora dos modelos estrangeiros recentes, copiados dos figurinos, ou adquiridos mediante adequada educação artística. Envolve mulheres quase sempre analfabetas, habitando casebres disseminados pelos arredores das cidades. Mediante remuneração exígua realizam, no entanto, "os belos artelatos destinados a enfeitar as roupas e as alfaias de gente rica".

Em casos outros análogos (como sucede no Brasil-sul, em Santa Catarina onde, nos arredores de Florianópolis existe, em miniatura, também, uma interessante indústria familiar de rendas) é de se frisar a participação dos açambarcadores que, na espécie, são também mulheres, "senhoras de família". Comprando das rendadeiras o produto de seu trabalho a preço ridículo, revendem-no para os agentes, no sul do país, onde se têm celebrizado casas especialmente dedicadas à venda das rendas do norte. Quando não, são as próprias mulheres do povo, comercialmente mais espertas, as quais adquirindo as rendas diretamente das produtoras, correm a vendê-las, longe, a bordo, nos portos, em seus conhecidos baús de folha, ou já nas suas melhoradas cestas de vime.

As rendas brasileiras do norte, conforme a própria classificação das rendadeiras, ou são de cordão, ou são de pano. Quanto à nomenclatura nordestina, o prof. ARAÚJO VIANA, distinguiu a modalidade bico ou ponta (apenas renda, no Rio de Janeiro) e o produto que no nordeste denominam renda, o entremeio da linguagem carioca. Quanto aos tecidos, considera alguns como capazes de rivalizar com a melhor guipure francesa.

Considerando a divisão universal das rendas artísticas em rendas de agulha e rendas de bilro, ARAÚJO VIANA inclui na primeira categoria, o crivo, pelo fato de ser o mesmo completado com agulha, destacando, porém, a espécie conjunta, em que parte se faz com agulha e parte com bilro, e de que há, no Brasil, belas variedades em Alagoas, Ceará e Maranhão.

Já D. OTÍLIA LEITE BRASIL, funcionária do C N G e natural do Ceará, dá-nos uma descrição sintética, atual. Praticamente é possível distinguir, segundo o modo poique foram fabricadas, a renda de almofada, o labirinto (que no Rio de Janeiro se chama crivo) e finalmente o filet. Na primeira trabalha-se em almofada com bilros, — peças semelhantes a fusos, com os quais se fazem rendas — alfinetes, espinhos de cardos, mandacarus, xique-xique, etc. A renda, assim, já sai pronta da almofada. Quanto ao labirinto, destacam-se o serzido e o palhetão. No serzido, o pano é desfiado e bordado e serve para enfeitar blusas, vestidos, panos, etc. No palhetão, após fazer-se a malha, separadamente, borda-se, obtendo-se depois a renda. Relativamente ao filet, faz-se a malha, como no labirinto, mas numa aspa (bairatana) que depois é bordada. Seu emprêgo é em toalhas, colchas, cortinas, etc.

A técnica das rendas no Ceará, foi bem descrita por GEORGE CAVALCANTE, em O Ceará — 1939 — Ed. Fortaleza. No seu fabrico, considerando-se as diferentes zonas de produção de rendas, apontam-se como linhas mais empregadas, a de novelo, a de carretel, a de algodão, de linho ou seda, do fio extraído da fibra da palmeira tucum (principal espécie: *Astrocaryum vulgare*, Mart, 10 a 15 m de altura, espalhada por todo o Brasil) e, também, fios de bananeiras (*Musa paradisiaca*, L., com suas sub-espécies). O trabalho das rendadeiras consiste, em "trocar os bilros", sobre um saco cilíndrico, de modo a comporem o "ponto" e com este prosseguir segundo a indicação dos "furos" no "papelaço". Que a indústria das rendadeiras exige uma certa especialização, basta que se saiba que é da maneira porque é feito o papelaço que decorre toda "ciência" da renda, exigindo para tal mister "especialistas" que o "picam" ou "pimcam" segundo linguajar técnico popular. Cabe à habilidade da rendadeira executar à risca, com perfeição e asseio, o modelo que lhe foi proposto.

A indústria das rendas no norte é uma indústria complementar. É do seu trabalho que a vida se torna possível em muitos lares.

